

# TUDO O QUE RESTOU DE NÓS



«Adam Silvera é um mestre  
no que toca aos infinitos desgostos  
de amor, perda e luto.»

NICOLA YOON, autora bestseller



Autor bestseller do aclamado *No Final, Morrem os Dois*

# ADAM SILVERA



Para todos os que têm uma história guardada na cabeça  
e no coração.

Um agradecimento a Daniel Ehrenhaft, que me descobriu,  
e a Meredith Barnes, que ajuda toda a gente a encontrar-me.  
Foi a melhor identificação de sempre.

# HOJE

DOMINGO, 20 DE NOVEMBRO DE 2016



Continuas vivo em universos alternativos, Theo, mas eu vivo no mundo real, onde esta manhã vai acontecer o teu funeral, de caixão aberto. Sei que estás aí, algures à escuta. E é bom que saibas que estou verdadeiramente lixado contigo, porque me juraste que nunca ias morrer e agora aqui estamos. Magoa-me ainda mais porque não é a primeira vez que quebras uma promessa que me fazes.

Vou aclarar, mais uma vez, os detalhes desta promessa. Fizeste-a em agosto passado. Acredita quando te digo que não estou a ralhar contigo enquanto recordo este episódio, e muitos outros, com grande detalhe. Duvido que te surpreenda, já que brincavas constantemente sobre o funcionamento esquisito do teu cérebro. Sabias de cor coisas triviais suficientes para encher vários cadernos de apontamentos, mas de vez em quando confundias coisas mais significativas, como, este ano, a data do meu aniversário (17 de maio e não 18), e nunca conseguiste ter as aulas em dia, apesar de te ter arranjado uma agenda porreira com zombies na capa (que aquele-que-sabemos

provavelmente te obrigou a deitar fora). Só queria que te lembrasses das coisas como eu me lembro. E se falar agora do passado te aborrece — como sei que aconteceu quando trocaste Nova Iorque pela Califórnia —, quero que saibas que lamento, mas, por favor, não fiques zangado comigo por estar a reviver tudo. A história foi tudo o que restou de nós.

Fizemos muitas promessas um ao outro no dia em que acabei contigo, para poderes seguir a tua vida em Santa Mónica sem que eu ficasse a pensar-te. Algumas dessas promessas acabaram por não correr como esperávamos, mas não foram exatamente quebradas, como, por exemplo, quando disse que nunca ia conseguir odiar-te, embora me desses razões suficientes para o fazer, ou quando nunca deixaste de ser meu amigo, apesar de o teu namorado te pedir que o fizesses. Mas no dia em que fomos ao correio com o Wade, para enviares as tuas caixas para a Califórnia, recuaste para a estrada e quase foste atropelado por um carro. Vi o nosso destino — encontrar o caminho de volta um para o outro quando chegasse a altura certa, não obstante o que acontecesse entretanto — desaparecer à frente dos meus olhos e obriguei-te a prometer que ias sempre ter cuidado contigo e nunca ias morrer.

— Pronto, está bem. Nunca vou morrer — disseste enquanto me abraçavas.

Se havia alguma promessa que me tenhas feito e que podias ter quebrado, podes crer que esta não era uma delas, Theo. E agora estou aqui, sozinho. Daqui a uma hora sou obrigado a caminhar até ao teu caixão para me despedir de ti.

Só que não vai ser uma despedida.

Vou ter-te sempre aqui, a ouvires-me. Mas estar frente a frente contigo pela primeira vez desde julho, e ao mesmo tempo pela última vez, é algo impossível, principalmente se considerarmos a presença indesejada do teu namorado.



Vamos manter o nome dele longe da minha boca enquanto for possível, está bem? Só esta manhã. Se quero ter alguma hipótese de ultrapassar o dia de hoje, de amanhã e todos os que se vão seguir, acho que preciso de regressar ao início, quando éramos dois rapazes que se tornaram próximos porque gostavam de puzzles e se apaixonaram.

O que correu mal foi tudo o que aconteceu depois de te teres desapaixonado de mim. O que me está a deixar tão nervoso foi o que aconteceu depois de acabarmos. Agora consegues ver-me, onde quer que estejas. Sei que estás aí e sei que me observas, que estás focado na minha vida para tentar juntar todas as peças. Não são só as coisas vergonhosas que fiz que estão a dar comigo em doido, Theo. O que me enlouquece é saber que ainda não as fiz todas.

# HISTÓRIA

DOMINGO, 8 DE JUNHO DE 2014



Hoje vou fazer história.

O tempo está a andar mais depressa do que um comboio, mas tudo bem, porque estou sentado à esquerda do Theo McIntyre. Conheço-o desde que andávamos na escola preparatória, quando ele cruzou o olhar com o meu durante o recreio. Acenou-me e disse:

— Ajuda-me aqui, Griffin. Estou a reconstruir Pompeia.

Um puzzle de Pompeia, claro, com cem peças. Na altura, não sabia nada sobre Pompeia; pensei que o monte Vesúvio fosse o esconderijo de algum senhor feudal da banda desenhada. As mãos do Theo deixaram-me hipnotizado, a escolher as peças do puzzle consoante as cores antes de começar a uni-las, separando o granito das estradas do das estruturas demolidas, cheias de cinza. Ajudei a escolher o céu e misturei as nuvens todas. Naquele dia, não avançámos muito na construção do puzzle, mas desde então que somos inseparáveis.

A saída de hoje leva-nos de Manhattan a Brooklyn para vermos se os tesouros que vendem numa feira de rua qualquer são tão caros como toda a gente diz que são. Não importa onde estamos, em Brooklyn, em Manhattan, no pátio da escola ou em Pompeia, planeei mudar o jogo entre mim e o Theo neste dia par. Só espero que ele queira continuar a jogar.

— Pelo menos, temos a carruagem toda para nós — digo.

É quase suspeito o facto de a carruagem do metro estar tão vazia. Mas não vou questionar isto. Estou demasiado ocupado a sonhar como seria ocupar sempre este espaço, ou qualquer outro, com este sabichão que adora cartografia, puzzles, filmes de banda desenhada e descobrir o que faz os humanos reagirem. Quando as carruagens vão cheias de gente, eu e o Theo costumamos sentar-nos muito juntinhos, as coxas e os braços pressionados um contra o outro, e é muito parecido com um abraço, com a vantagem de que não preciso de o largar tão depressa. É uma seca que agora o Theo vá sentado à minha frente, mas pelo menos assim tenho uma vista muito bonita. Olhos azuis que encontram deslumbramento em tudo (incluindo em anúncios de branqueadores de dentes em carruagens de metro), cabelo louro que fica mais escuro quando está molhado, a t-shirt d'*A Guerra dos Tronos* que lhe ofereci no aniversário, em fevereiro.

— É muito mais difícil observar pessoas quando não há pessoas — diz o Theo. Fixa os olhos em mim. — Acho que posso observar-te a ti.

— Tenho a certeza de que na feira de rua vão estar pessoas interessantes. Hipsters e assim.

— Hipsters são personagens, não são pessoas — diz o Theo.

— Não menosprezes os hipsters. Alguns deles têm sentimentos de verdade, debaixo dos seus gorros e camisas de flanela vintage.

O Theo levanta-se e faz uma elevação fraquinha na barra da carruagem; o cérebro dele é um prodígio, mas os músculos não o levam

longe. Desiste e começa a saltar nos bancos, de um lado para o outro da carruagem, como se fosse um trapezista do metro. Quem me dera que desse uma cambalhota e viesse aterrar quieto ao meu lado. Segura-se à barra e estende a perna para o banco em frente; a t-shirt levanta-se um pouco e, pelo canto do olho, consigo espreitar para a pele exposta enquanto tento concentrar-me no sorriso dele. Pode ser o último dia em que o vejo sorrir.

O metro para e saímos finalmente.

Manhattan é a nossa casa e, por isso, o Theo nunca diz mal dela, mas sei que gostava que tivesse mais paredes com *graffiti* como as que existem aqui em Brooklyn, banhadas pelo sol de verão. O Theo vai apontando para os muros que exibem a sua arte de rua favorita enquanto nos encaminhamos para a feira: um menino pequeno vestido de branco e preto a andar por cima de letras coloridas que dizem SONHAR; um espelho vazio a exigir encontrar a mais bela de todas, escrito com uma letra rebuscada que rivaliza com a caligrafia perfeita do Theo; um avião a contornar Neptuno, o que é suficientemente extraordinário para não me provocar ansiedade de voar; cavaleiros sentados em redor da Terra, como se ela fosse a sua tábola redonda. Nenhum de nós faz ideia do significado disto, mas a imagem é muito fixe.

A caminhada até à feira, que se situa perto do rio East, é longa e quente. O Theo encontra uma carrinha de refrescos e gastamos cinco dólares em copos de granizado de limão, só que não tem açúcar suficiente e acabamos os dois obrigados a mastigar o gelo para sobreviver ao calor.

O Theo para numa mesa com objetos do *Star Wars*. Enruga o rosto quando se vira para mim.

— Setenta dólares por um sabre de luz de brincar?

A voz interior do Theo é uma porcaria. É um problema.

A vendedora de 40 e poucos anos levanta os olhos.



— É um sabre que foi tirado do mercado — diz ela inexpressivamente. — É raro e até devia pedir mais por ele. — A t-shirt que traz vestida diz: A PRINCESA LEIA NÃO É A DONZELA EM APUROS QUE VOCÊS PENSAM.

O Theo devolve-lhe o olhar austero acompanhado por um sorriso descontraído.

— Alguém se armou em Obi-Wan e cortou o braço a alguém com isto?

O meu conhecimento do universo *Star Wars* é bastante limitado, à semelhança do que acontece com o conhecimento do Theo em relação ao universo *Harry Potter*. Ele é o único rapaz de 16 anos que conheço que não se deixou envolver pelo rapaz feiticeiro preferido do mundo inteiro. Certa noite, discutimos durante uma hora inteira quem ganharia o duelo entre o Lord Voldemort e o Darth Vader. Na verdade, até fico surpreendido por ainda sermos amigos.

— A tampa do compartimento das pilhas sai facilmente e as crianças estão sempre a metê-la na boca — diz a mulher. Já não está a falar com o Theo, mas sim com outro homem infeliz, mais ou menos da sua idade, que não consegue mexer num despertador do R2-D2.

— Pronto, está bem — diz o Theo, e afastamo-nos.

Andamos durante alguns minutos. (Seis, para ser exato.)

— Já acabámos a visita? — pergunto. Está calor, sinto-me a derreter e já constatámos que as coisas aqui são definitivamente mais caras do que devia ser permitido por lei.

— Claro que não, bolas — diz o Theo. — Não podemos sair daqui de mãos a abanar.

— Então compra alguma coisa.

— Porque não *me* compras tu qualquer coisa?

— Não precisas daquele sabre de luz.

— Não, parvo, compra-me outra coisa qualquer.

— Presumo então, com alguma segurança, que também me vais comprar qualquer coisa, certo?

— Parece-me justo — diz ele, e toca no seu relógio perigoso. É mesmo verdadeiramente perigoso, tipo, não é seguro de usar. Não sei ao certo como ou porquê alguém construiu aquele relógio de sol para o pulso, porque os ponteiros afiados já arranharam os corpos de pessoas desprevenidas (incluindo o meu) vezes suficientes para ele o atirar para a lareira, dar cabo do mecanismo e ainda processar o fabricante. O Theo anda com ele na mesma porque o relógio é diferente. — Encontramo-nos na entrada daqui a 20 minutos. Preparado?

— Vai!

O Theo afasta-se rapidamente e quase embate num homem de barba com uma menina pequena aos ombros. Desaparece da minha vista em poucos segundos. Vejo as horas no telemóvel — 16h18, minuto par — e corro na direção oposta, mergulhando num labirinto descontraído de pessoas com relíquias para vender. Passo por caixas de sapatilhas usadas, filas irregulares de espelhos manchados como se fizessem parte de uma antiga casa de espelhos da feira popular, postes com cachecóis às flores que ondulam com uma ventoinha oculta, e baldes de conchas que se vendem em conjunto com pincéis.

Acho que as conchas até são interessantes, mas não gritam «Theo!».

Um minuto depois, chego a uma parte da feira que *parece* falar a mesma língua do Theo. Vejo um espanta-espíritos com um arco ondulante pintado no seu tom de verde favorito. Uma mesa inteira de barcos minúsculos dentro de garrafas. Ainda há pouco tempo, ele andava a ler sobre as minúcias destes barcos na esperança de conseguir fazer um sozinho, só que sei que ele queria pôr uma nave espacial dentro da garrafa em vez de um barco, porque tudo tem de ter sempre o toque especial do Theo.

Ainda tenho todo o tempo do mundo — se o mundo só durasse mais 12 minutos, pelo menos. É uma pena ele não ser mais fã de fantasia, porque os abre-cartas que vejo aqui são mesmo espetaculares, e estou com esperança de que ele já tenha passado por esta mesa e me tenha comprado um, de preferência aquele que parece a bainha de uma espada, ou este, com cabo de osso. Está tudo bem, porque tenho todo o tempo do mundo... Bem, na verdade, neste momento não tenho, já que, segundo o meu telemóvel, me restam apenas nove minutos, um número ímpar que me está a deixar mesmo muito ansioso, por isso coço a palma da mão enquanto recomeço a correr. Não sei como, mas regresso a um mundo de mais atos falhados. O Theo não dá uso a loiças para pequeno-almoço, uma vez que gosta de comer cereais e beber sumo de laranja, e não precisa mesmo de ferramentas de jardinagem, a não ser que venham com instruções sobre como pode criar mais videojogos e aplicações de computador de graça.

Depois, acerto em cheio na muche.

Puzzles.

Olho mais uma vez de relance para o meu telemóvel: faltam seis minutos. Já não estou ansioso; estou entusiasmado. Como já estive vezes suficientes em casa do Theo, sei que não tem nenhum destes puzzles: um celeiro em estilo *steampunk* que voa no céu com asas feitas de restos de satélites; o trenó do Pai Natal a ser puxado debaixo de água por golfinhos (nem quero saber o que está dentro daqueles presentes, mas adorava ouvir os palpites do Theo); um puzzle em 3D de uma bola de futebol — a parte de ser em 3D é fixe, mas o facto de ser um objeto desportivo já nem tanto. Não sei a opinião do Theo em relação aos puzzles 3D, mas não me parece muito a onda dele.

Pronto! Encontrei. O quarto puzzle da fila em cima da mesa: Um Navio Pirata Assombrado. Os piratas estão a ser atirados borda fora pela tempestade e pelo mar agitado; alguns tentam subir

novamente, enquanto outros estão pendurados na prancha. Sei que o Theo vai criar uma história extraordinária à volta disto. A vendedora põe o puzzle num saco de plástico castanho e, apesar de custar apenas nove dólares, dou-lhe uma nota de dez e vou-me embora rapidamente.

O Theo está à minha espera à entrada, encostado a uma parede para se esconder na sombra, como um vampiro que ficou na rua até muito tarde — muito cedo? Não o culpo. Estamos os dois a transpirar. Ele olha para o relógio de sol.

— Ainda faltam dois minutos! Vamos sair daqui antes que entremos em combustão com este calor, ou, pior, antes que apanhes um escaldão.

Quando vamos a caminho do metro, a única pista que tenho do seu presente é uma caixa. Um cubo perfeito. Não faço a menor ideia do que será. Uma vez no subsolo, estamos escondidos do sol, mas o calor húmido e pesado da multidão é igualmente insuportável, como se tivéssemos montado acampamento no cimo de um vulcão e fechado a tenda. Sem sabermos como, sobrevivemos à espera de seis minutos e, assim que as portas da carruagem se abrem, corremos para o banco do canto; sentamo-nos antes que um par de rapazes com ar de universitários nos roube os lugares. O ar condicionado está no máximo e sinto que agora voltei a ser eu mesmo.

— Os presentes? — diz o Theo, apontando para o meu saco com os dedos a formarem uma pistola.

— Tu foste o primeiro a comprar, por isso começa — digo, aproximando um pouco a perna, para os nossos joelhos se poderem tocar acidentalmente.

— Não sei bem que tipo de lógica é essa, mas tudo bem — concorda o Theo.

Entrega-me a pequena caixa, e o que quer que esteja lá dentro não pesa muito, embora deslize de um lado para o outro quando

a passo para a outra mão. Abro-a e tiro uma estatueta de nenhum outro senão Ron Weasley, o melhor amigo do Harry Potter.

— O que achas? — pergunta o Theo. — Sei que ele é a tua personagem favorita, por isso já deves ter, mas achei que este era fixe, principalmente porque tem assim um ar de quem já teve melhores dias.

Assinto. É verdade: este boneco do Ron Weasley está um bocadinho maltratado, com a tinta do cabelo e da capa lascada. Mas não é a minha personagem favorita. É um erro fácil de cometer, porque o Ron é o meu favorito do trio — desculpa, Harry; desculpa, Hermione —, e não é que façam bonecos das personagens que só estavam vivas e eram importantes num dos livros. Mas a minha personagem favorita de toda a série, sem sombra de dúvida, é o Cedric Diggory. Quando o Cedric morreu no fim do Torneio dos Três Feiticeiros, chorei durante muito mais tempo do que alguma vez admitirei perante alguém. A morte do Cedric é verdadeiramente a perda mais difícil que já sofri na vida. Mas não faz mal, eu também não sei ao certo quem é a personagem favorita do Theo no *Star Wars*. Quero dizer que é o Yoda, mas parece-me uma estupidez, até a mim. Mesmo assim, o que conta é a intenção.

— Isto é espetacular — digo. — E ainda não tenho nenhum destes, por isso obrigado. — Questiono-me se o dono anterior deixou de gostar da série e penhorou o pobre miúdo por 50 cêntimos, ou algo do género. O lixo de uns é o luxo de outros e coisa e tal. — Muito bem, é a tua vez. — Sentindo falta da carruagem vazia em que viajámos, estou hiperalerta para o facto de que há muita gente a ver-nos trocar presentes e a tirar as suas próprias conclusões sobre como devemos ser namorados. É uma pena estarem errados. É uma pena ainda maior que haja a possibilidade de o Theo nem sequer querer ser meu amigo depois de hoje.

Ele tira o puzzle do saco e os seus olhos arregalam-se.

— Ena pá, boa! Oitocentas peças. Tens de me ajudar a fazer este puzzle.

— Qual é a história por detrás da imagem?

O Theo observa-a durante alguns instantes.

— É obviamente o apocalipse zombie-pirata que está prestes a acontecer.

— Obviamente. Diz-me, como é que os piratas foram os primeiros a ser contagiados pelo vírus?

— O vírus zombie sempre existiu, mas os cientistas sabiam que a melhor solução era mantê-lo o mais afastado da terra possível. Sabiam que os humanos são estúpidos por natureza e que se aborrecem facilmente, que haviam de fazer qualquer coisa para libertar este inferno sobre a terra, desde que isso significasse que não precisavam de ir para os seus empregos sem futuro na segunda-feira de manhã. Os cientistas contiveram o vírus numa ilha (vou proteger o nome, porque não confio que consigas mantê-lo em segredo, Griff), mas não previram que se aproximava a tempestade violenta que vemos aqui a destruir a ilha e a libertar o vírus, que se tornou transmissível através do ar, atingindo assim em primeira mão o barco dos piratas. Bem, o primeiro infetado foi o papagaio do capitão Hoyt-Sumner, que depois o levou para o barco, o *Maria das Pilhagens*.

Só neste momento perco o controlo e desato a rir-me.

— Como diabo te ocorrem estes nomes?

— Não os inventei, está tudo nos livros. Tens de estar mais atento à tua história futura — diz o Theo.

— Como se chama o papagaio?

— *Fulton*, mas toda a gente lhe chama *Penas Podres*, depois de ter infetado os piratas e os transformar em zombies. Mais tarde, mudaram o nome do barco para *O Rastejante Sangrento*, o que me parece bastante mais apropriado.

Gostava mesmo de passar uma hora na cabeça dele, a trepar por todos os diferentes mecanismos e rodas dentadas que lá existem.

— Estes piratas-zombies são suficientemente espertos para mudarem o nome ao barco? — pergunto. — Estamos lixados.

— É bom que lutes ao meu lado contra os piratas-zombies — diz ele. — Sei como nos podemos salvar.

O Theo começa a enumerar várias estratégias a que podemos recorrer para sobreviver ao apocalipse. Teremos de construir uma fortaleza num sítio qualquer elevado, com canhões e outras armas práticas, como bestas militares que disparam flechas flamejantes. Fácil: até parece que já me sinto a empunhar uma, de tantos livros de fantasia que li. Aparentemente, também precisarei de aprender a cozinhar, porque o Theo estará demasiado ocupado a vigiar 24 horas por dia, sete dias por semana. Ele tem quase a certeza de que conseguirá encontrar a chave para o desassossego eterno enquanto os mortos-vivos andam entre nós — e por isso não vai ter tempo para cozinhar, sob pena de virarmos nós o jantar deles.

— Parece-te bem, Griff?

— Não posso prometer que a comida que cozinhe seja comestível, mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas.

O Theo estende o braço e damos um aperto de mão, selando assim os nossos papéis no apocalipse zombie-pirata. Tocar-lhe faz com que o meu coração bata muito depressa e com força.

Solto-o.

— Tenho uma coisa para te dizer. — A carruagem do metro faz uma barulheira incrível, e os olhos curiosos já se afastaram de nós. Toda a gente vai perdida no seu próprio mundo.

— Também tenho uma coisa para te dizer — diz o Theo.

— Quem diz primeiro?

— Pedra, papel, tesoura?

Ambos escolhemos pedra.

— Dizemos ao mesmo tempo? — sugere o Theo.

— Acho que o que tenho para dizer não é para ser dito em simultâneo com mais nada. Podes dizer tu primeiro.

— Confia em mim. Aposto que vamos dizer os dois a mesma coisa. É mais fácil assim — diz ele.

Não vou continuar a debater isto com ele. Talvez o que ele tem para dizer seja pior do que o que eu tenho, e assim não me sinto tão mal.

— Contamos de três para baixo?

— De quatro.

O Theo sorri ligeiramente e assente.

— Quatro, três, dois, um.

— Acho que sou maluco — digo, enquanto ele diz:

— Gosto de ti.

O Theo cora e o sorriso tímido desaparece.

— Espera, o quê? — Vira o corpo para o outro lado e olha pela janela, mas estamos no subsolo, por isso a única coisa que vê é escuridão e o seu próprio reflexo. — Pensei que ias dizer que gostas de mim. És gay, Griff?

— Sou — admito, pela primeira vez na vida, o que, não sei porquê, não faz com que o meu coração bata mais depressa ou com que o rosto fique corado. A única coisa que sei é que teria mentido a qualquer outra pessoa.

— Ótimo. Quero dizer, fixe — diz o Theo. Parece que está a ponderar voltar a cruzar o olhar com o meu, mas depois mantém os olhos fixos na janela. — Porque tiveste medo de me contar? Que achas que és maluco.

— Pois, essa é a segunda coisa. Acho que sou capaz de ter transtorno obsessivo-compulsivo.

— Mas o teu quarto é uma confusão — diz o Theo.

— Não é no que diz respeito a organização. Sabes como ultimamente estou sempre a ir para o lado esquerdo das pessoas? Quando



éramos miúdos isto não me acontecia. E depois tenho esta coisa de andar sempre a contar tudo, prefiro que tudo tenha um número par, com algumas exceções, como o um e o sete. Aplico isto ao volume das coisas, ao temporizador do micro-ondas, a quantos capítulos leio antes de pousar um livro, até a quantos exemplos uso numa frase. É muito perturbador, parece que estou sempre *ligado*.

O Theo acena com a cabeça.

— Eu também já me senti assim. Talvez não de forma tão intensa, mas acho que isso é apenas um sinal do teu génio. Tenho quase a certeza de que o Nikola Tesla era obcecado pelo algarismo três e, por vezes, contornava o mesmo quarteirão três vezes antes de entrar num edifício. Mas, Griff, tanto quanto sabemos, estas pequenas compulsões podem ser só peculiaridades tuas. — Os seus olhos azuis encontram novamente o meu rosto e iluminam-se. — Depois podemos investigar sobre isto!

Talvez ele tenha razão. Talvez eu não seja só um miúdo louco com um tique no pescoço, que coça as palmas das mãos quando está nervoso, que gosta de estar do lado esquerdo das pessoas, que puxa o lóbulo da sua orelha e que funciona em números pares. Talvez eu seja como uma máquina fotográfica com focagem automática: amplio uma coisa e deixo passar todas as que estão ao lado.

— Isto tem andado a perturbar-me um pouco, porque não sei quem vou ser no futuro. Tenho medo de que alguma coisa cresça a partir disto e me transforme num Griffin que seja demasiado complicado para, daqui a uns anos, conseguires ser meu amigo. — Não acredito que estou a deitar isto tudo cá para fora; parece-me surreal, incrível, mas não consigo parar. Talvez confessar tudo possa exorcizar qualquer doença.

O Theo chega-se mais para mim.

— Eu tenho coisas mais sérias com que me preocupar, meu, tipo se os piratas-zombies vão saber usar arpões e mosquetes ou se nos

vão derrotar com os dentes e unhas. Tu não me assustas e nunca serás tão complicado que não queira ser teu amigo. — Dá-me uma palmadinha no joelho. A mão fica ali pousada durante um minuto inteiro. — E desculpa se te forcei a sair agora do armário... Espera, sou a primeira pessoa a quem contas?

Assinto, o coração a bater com força.

— E não me forçaste. Pronto, talvez um bocadinho, mas eu também já te queria contar. Só não tinha coragem para fazer um discurso muito elaborado. Também tinha um pouco de medo de me ter enganado a teu respeito. A alucinação é comum na família da minha mãe.

— Não és alucinado — diz o Theo. — E também não és maluco.

Alcança-me a mão, e não é para um dá-cá-mais-cinco. Sei que o mundo não mudou, que o que sobe continua a descer, mas, na minha perspetiva, o mundo inclinou-se um pouco para a direita, avançou e agora consigo vê-lo da forma que sempre quis. Espero não dizer ou fazer nada que obrigue o mundo a compensar novamente a sua inclinação na direção oposta.

Aperto a mão do Theo, testando o que estamos a fazer, e sinto que estou a responder a uma pergunta que nunca fui suficientemente corajoso para fazer.

— Fica aqui comigo, ficas? — pergunta.

— Não estou prestes a sair de um comboio em movimento.

Ele larga-me a mão. Enterro-me um pouco, como se o tivesse deixado ficar mal.

— Eu nunca disse isto a ninguém, mas há alguns anos que ando a sonhar com universos alternativos. Sabes como eu sou, ando sempre a perguntar «E se?». — Vira-se de costas por um segundo. — Ultimamente pergunto isto com cada vez mais frequência. Muitos dos *e ses* são divertidos, mas muitos deles são mesmo pessoais. Todas as noites, antes de ir dormir, reúno todas as notas que escrevi

em pedaços de papel ou no meu telemóvel e arquivo-as numa espécie de diário. Tenho dúzias e dúzias de universos alternativos.

O metro para de repente; alguns passageiros saem, outros entram, dando-nos um pouco mais de espaço para respirar — mas assim que as portas se fecham, o Theo tem toda a minha atenção outra vez.

— Há pouco, durante a nossa caça ao presente, escrevi uma nota no interior do meu braço — continua ele. — Não te vou mostrar ainda. Não quero ser desmancha-prazeres. Mas acabou de me recordar uma coisa. A tua cara vai aparecendo em todos os universos que tenho criado ultimamente. E pensei que, se não ficasses na boa com isto, então não ia odiar-te, mas talvez precisasse de tempo para estar sozinho, até termos distância suficiente entre nós para eu voltar a conseguir imaginar os meus universos sem que tu apareças automaticamente neles. — O Theo vira-se e, por cima do cotovelo esquerdo, vejo a sua letra (não a caligrafia perfeita do costume, porque nem *ele* consegue escrever bem na própria pele), que aproxima de mim. As letras dizem, *Universo Alternativo: Namoro com o Griffin Jennings e é isso.*

— Não sei se isto faz algum sentido para ti, mas quero que este universo seja real — diz ele, ainda de braço estendido na minha direção, como se quisesse gravar aquelas letras tortas na minha memória. — Se não puder ser, compreendo e espero que consigamos arranjar uma maneira de sermos os melhores amigos. Só não consigo imaginar não correr este risco. — Baixa finalmente o braço. — Agora tens de dizer alguma coisa.

Sinto que alguém me deixou cair num universo alternativo de espetacularidade. Não acredito que estou a ter esta conversa, não acredito que estou mesmo a namoriscar com o Theo e que ele está a dizer-me isto. Por mim, este universo está ótimo. Mas não lhe posso dizer estas coisas todas, pelo menos, ainda não.

— E ia dizer — respondo.

— Está bem, mas diz só se for bom. Se não for bom, podes ficar calado.

— Meu, eu tenho andado a passar-me por causa da mesma coisa. Não sei quando teria tido coragem para te contar, mas nunca teria conseguido explicar melhor do que como fizeste com o teu universo alternativo. Ia só dizer que gosto de ti e pronto.

— Nem sequer ias mencionar como sou tão bonito?

— Bonito parece-me uma palavra forte, mas de certeza que ia comentar como és agradável de se olhar, claro.

— É bom saber.

Devia dizer-lhe como gosto do som da sua escrita, das palavras que ele escreve nos cadernos quando está debruçado sobre a secretária; quero saber que palavras são essas. Devia contar-lhe as fantasias que tive sobre como, na próxima vez que dormir em casa dele e partilharmos a mesma cama, não teríamos de usar edredões diferentes e poderíamos partilhar um cobertor sem ser estranho. Devia dizer-lhe como é divertido vê-lo virar uma ampulheta vezes sem conta e ver se consegue acabar um puzzle gigantesco sozinho, e como estou sempre a torcer para que consiga, porque sei como fica feliz quando ganha. Devia dizer-lhe como estou grato por, ultimamente, andar sempre a gravitar à minha direita. Mas não digo nada disto em voz alta, porque talvez possa admitir estas coisas quando elas acontecerem de verdade.

— Porquê hoje, Theo?

— Por causa da fotografia que o Wade nos tirou ontem — diz ele.

Apercebo-me então de que, durante a aventura de hoje, não tinha pensado no Wade uma única vez. Nós somos um grupo de três rapazes, mas não fico muito ansioso com o nosso número ímpar, talvez porque parece que conseguimos sempre fazer o trio funcionar: é a única exceção do universo. Por exemplo, ontem à tarde, em casa

do Theo, jogámos um torneio de *Super Smash Bros.* — eu e o Theo contra o Wade e o computador, formando as equipas com os nomes tirados do boné do Wade. Foi renhido, porque o Wade é muito bom com o Bowser e o nível do computador estava elevadíssimo, mas eu e o Theo ganhámos com o Capitão Falcon e a Zelda. Levantámo-nos, vitoriosos, e abraçámo-nos como se tivéssemos acabado de ganhar a guerra contra os extraterrestres ou, mais adequado aos inimigos de há dez minutos, a guerra contra os piratas-zombies.

O Wade fez-nos posar para a fotografia. Eu e o Theo fingimos a nossa expressão mais séria, mas fracassámos e desatámos a rir.

— Vi-nos juntos e pensei que já chegava. Já há algum tempo que quero estar contigo. A fotografia do Wade só fez com que fosse um pouco mais insuportável não estar — diz o Theo.

— Acho que sinto o mesmo — digo. — E agora? Como selamos isto? Talvez devêssemos dar um beijo ou assim, mas não estou muito para aí virado. — Atrapalho-me nesta última parte porque, francamente, é mentira. Decido deixar de mentir, porque dizer a verdade pode trazer-me este tipo de felicidade que sinto agora, a felicidade que me abre inúmeros universos alternativos. Só gostava mesmo de ter uma pastilha elástica, mas o Wade é o nosso fornecedor habitual. — Talvez um aperto de mão?

Apertamos as mãos, mas nenhum de nós larga o outro.

— Isto é bom, mas estranho — digo.

— É muito bom e muito estranho — diz o Theo. — Mas acho que encaixamos bem, não achas?

— Não tenho dúvidas, Theo.

Mal posso esperar pelo que vai acontecer a seguir.

# HOJE

DOMINGO, 20 DE NOVEMBRO DE 2016



Dez minutos depois, o despertador cala-se finalmente, mas as ameaças dos meus pais em como vão arrombar a porta continuam a ouvir-se. Da última vez que fizeram isto, fiquei sem privacidade durante dois meses, até o meu pai substituir a fechadura.

Acho que nunca te contei isto; nem mesmo depois de acabarmos.

— Griffin!

— Mais dez minutos! — grito.

— Já disseste isso há uma hora — responde a minha mãe.

— Disseste isso seis vezes — acrescenta o meu pai. — Veste-te.

— Saio daqui a dez minutos — digo. — Prometo.

A última vez que usei um fato preto foi para ir ao casamento do teu primo Allen, em Long Island. Foi alguns meses depois de começarmos finalmente a namorar e foi também a primeira festa formal a que fomos juntos, se não contarmos com o batizado da tua irmã. Para meu grande alívio, o Wade — quando ainda éramos próximos

dele — estava errado quando disse que todos os casamentos gay são como um concerto da Katy Perry. (Acho que a minha ansiedade não ia aguentar dançar contigo pela primeira vez debaixo de luzes psica-délicas.) Quando vi as rosas brancas na sala envidraçada da mansão, comecei a imaginar o dia em que iria usar um fato preto para ti, a minha mão na tua, pronto para dizer: «Podes crer que sim.» Na altura não sabia, mas aquela foi a última vez que usei um fato preto, para sempre. E agora não vou mesmo fazê-lo.

Vou ao funeral assim como estou — bem, não exatamente como estou, porque aparecer com estas calças de pijama é capaz de ofender a tua avó. Mas não vou tirar a camisola de capuz verde que me deste na tarde em que perdemos a virgindade. Tenho andado com ela nos últimos dois dias — mais do que isso, há exatamente 50 horas, embora o tempo de vez em quando se torne difuso. Agora que já não estás cá, quem me dera nunca ter lavado a maldita camisola. Já não cheira à loja de flores da tua avó; já não tem as manchas de terra de todas as horas que passámos deitados no parque. É como se tivesses sido apagado dela.

Pego em dois dos quatro grifos que me ofereceste como presente há dois Natais e prendo-os à camisola, um na gola, outro sobre o coração. Assim parece que o azul está a perseguir o verde pelo céu fora.

Olho fixamente para o relógio, esperando pelo minuto par — 09h26 —, e saio da cama. Ponho os pés mesmo em cima do jantar de ontem à noite, porque me esqueci de que deixei o prato abandonado no chão enquanto fitava o teto, a pensar em todas as perguntas que tenho demasiado medo de te fazer. Mas olha, se há alguma coisa positiva no facto de teres morrido, é que agora já não me podes dizer coisas que não gosto de ouvir.

Desculpa. Foi uma coisa estúpida de se dizer. Preciso de um preservativo para a boca.



Por muito que quisesse ficar sentado na banheira e deixar que a água caísse sobre mim, tenho de sair deste quarto. Olho para o relógio do meu portátil aberto e levanto-me assim que passa das 09h31 para as 09h32.

O corredor está forrado com as molduras baratas que a minha tia nos ofereceu no último Natal — são o tipo de presente que a minha mãe considera pouco atencioso, mas como é tão boa pessoa, pendura as molduras mesmo assim. Ela ainda continua a beber da caneca do Yoda que lhe compraste há dois anos, sem motivo especial nenhum, só porque sim. Tu vais ser sempre alguém presente para os meus pais, apesar de agora já não poderem ver a tua história nas nossas paredes.

Tenho andado a guardar as molduras baratas todas e as suas fotografias no meu quarto. Enquanto passo, há espaços em branco na parede: a fotografia em que estamos sentados na sala de estar da tua infância na Columbus Avenue, a fazer um puzzle do Empire State Building; nós com 15 ou 16 anos, tu com os braços à volta da minha cintura, depois de o Wade ter dito uma piada qualquer sobre como os rapazes não conseguiam abraçar outros rapazes; tu a sorrires para mim do outro lado do banco do parque, enquanto eu brindava ao aniversário de casamento dos meus pais, no ano passado; e as minhas favoritas — lado a lado na mesma moldura —, a primeira, tirada pelo Wade, na qual aparecemos de rosto inexpressivo a dar o nosso melhor para parecermos sérios, mas em vão. E a segunda, nós os dois de mão dada e a sorrir depois de termos contado sobre o nosso namoro aos nossos pais na festa de aniversário da Denise.

Sempre gostaste do brilho do sol por cima da tua cabeça.

— Pareço um anjo da destruição rebelde, mas fixe — disseste.  
— O anjo que tem a espada de fogo, enquanto tu tens uma harpa.

Na sala, os meus pais já têm os casacos vestidos, e o meu pai tem nas mãos uma travessa de comida, enquanto olham para as notícias



sem som na televisão. A minha mãe vê-me primeiro e levanta-se de repente, coisa que sei que lhe faz mal às costas, principalmente em dias chuvosos como o de hoje. Ela oculta a dor e aproxima-se de mim com cautela, sem saber bem que Griffin vai encontrar.

— Estou pronto — minto. Tenho fome e sinto-me esgotado, estou farto disto tudo e não estou nada pronto. Mas isto tem um prazo a cumprir. O velório é hoje. O funeral, amanhã. Depois disso, não sei o que se segue.

A minha mãe estende-me a mão, como se eu fosse uma criança pequena que está a dar os primeiros passos amparada pelos seus braços. É ridículo. Sou um rapaz de 17 anos que está a sofrer pela perda da sua pessoa favorita. Agarro no casaco e viro-me para a porta.

— Espero lá fora.

Quando já estamos todos no carro, o meu pai liga o rádio para preencher o silêncio. Olho para a rua através da janela e, quando paramos num sinal vermelho, começo a contar pares para encontrar um pouco de sanidade: duas senhoras de casaco a partilhar um guarda-chuva azul; dois homens velhotes a empurrar dois carrinhos ao saírem de um mercado; quatro árvores fustigadas pelo tempo num jardim comunitário; dois caixotes do lixo a transbordar.

A contagem traz-me algum alívio, mas não chega. Pouso a mão no lugar vazio ao lado do meu e imagino que a tua mão está ali sobre a minha. Duas mãos.

Sinto-me melhor.

# HISTÓRIA

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2014



Eu, o Theo e o Wade temos o hábito de ir todos os dias depois da escola à Barnes & Noble no Upper West Side, para fazermos lá os trabalhos de casa, mas as aulas estão quase a acabar. Em vez disso, percorremos as prateleiras de livros. Era suposto o Theo ter contado ao Wade sobre esta coisa nova de experimentarmos namorar, durante a corrida deles no último período, mas acobardou-se. Eu não sou grande adepto de segredos. Os segredos conseguem transformar as pessoas em mentirosas, e os meus dias de mentiroso ficaram no passado.

Afastamo-nos da secção de novelas gráficas e acabamos no corredor das biografias. É a secção de que menos gosto, mas estamos aqui por causa do Wade e do Theo.

- Quero ter o meu próprio livro de memórias — diz o Theo.
- Só há uma pessoa capaz de fazer isso acontecer — comento.
- Mas ainda não tenho título — diz ele.
- Que horror — diz o Wade, a esfregar os olhos mais uma vez, porque as lentes de contacto novas estão a incomodá-lo. Ele continua

a parecer o Wade, no geral (tem o cabelo curto, a pele castanha e as camisas engelhadas), mas eu acho que fica com um ar mais fixe quando usa óculos. — Eu devo chamar à minha *Deslizando pela Vida*.

O Theo finge um bocejo.

— Mal posso esperar por essa leitura laboriosa.

O Wade mostra-lhe o dedo do meio.

— Vou ao café buscar um chá gelado. Também querem?

— Olha, por acaso, quero. Mas é a minha vez de pagar. — Dou-lhe um cartão-presente, que me ofereceram no meu aniversário, no mês passado.

— Tens a certeza? — pergunta ele.

Aceno com a cabeça.

Assim que se vai embora, olho para o Theo com uma expressão austera que diz, *Porque não contaste ao Wade?*, mas ele vira-se de costas, olhos novamente fixos nas prateleiras de livros.

— E se for, *Theo McIntyre: Caçador de Piratas-Zombies?* — digo para o silêncio.

Ele sorri, ainda a evitar olhar para mim.

— Mas se o apocalipse zombie-pirata não acontecer, a minha biografia será confundida com um romance de fantasia. Recuso terminantemente que a minha existência seja misturada com ficção, caramba! Talvez seja melhor manter a simplicidade. Que tal, *Theo: Uma Biografia?*

Abano a cabeça.

— Tu és o meu Theo favorito e essas coisas todas, mas não és o único Theo.

Ele vira-se para mim.

— Conheces outros Theos? Dá-me já a morada deles para pôr um fim a esta loucura. — Agita as mãos como se estivesse pronto para passar por entre os Theos com golpes de karaté. A sua postura

de luta faz-me lembrar o fato de C-3PO hipster que usou no último Halloween. Vestiu uma t-shirt que se assemelhava ao corpo do androide e depois pintou os braços e a cara com tinta dourada.

— E se fosse *C-Theo-PO*?

— Não. É demasiado insignificante. Mas pode ser um bom título para um capítulo. — O Theo ergue uma sobrancelha e aponta para mim. — Sei como se podia chamar a tua biografia. *Um Grifo à Esquerda*.

Agora tenho mesmo vontade de o beijar.

— É o título perfeito. — Certifico-me de que o Wade não está a vir para aqui, puxo o Theo pela mão e levo-o até ao corredor seguinte. Mas não o beijo, porque não quero apressar isto ou sentir que estamos a fazê-lo nas costas do Wade. — Temos de contar ao Wade, meu — murmuro. — Se queres ser tu a contar, tudo bem, mas se quiseres contar-lhe em conjunto, eu alinho também. Mas não vamos sair desta livraria sem lhe contarmos.

— Combinado — diz o Theo e aperta-me a mão. — A que horas é que a livraria fecha, mesmo? Eu...

— Uau — diz o Wade.

Está ao fundo do corredor, com um tabuleiro de copos de chá gelado nas mãos. Sacudo a mão da do Theo.

— Uau — repete ele, encaminhando-se para nós. O Wade é da altura do Theo, mas parece mais baixo, assim com os ombros caídos. Abana a cabeça e consegue sorrir com timidez. — Esta cena toda do trio foi gira enquanto durou.

Não era a reação de que estava à espera.

— Estás a falar de quê?

— Há quanto tempo é que vocês namoram? Eu sabia que isto ia acontecer. Vocês duvidam das minhas capacidades de médium, mas ainda no ano passado disse que isto ia acontecer. Só não contei a ninguém.

Não sei bem o que esperava dele, mas não era isto.

— Tiveste uma visão em que eu e o Griffin namorávamos e o mundo ia acabar? — pergunta o Theo. A sua voz está estranhamente aguda.

O Wade sorri com ar travesso e entrega-me um copo de chá.

— Mais ou menos.

— As tuas visões são um bocado gay — brinca o Theo, tentando recompor-se. — Devias ir ver isso.

Bebo um gole de chá, tentando recompor-me também.

— Espera. Como soubeste que eu e o Theo gostávamos um do outro? E não digas que é porque és médium.

— Não é preciso ser médium para perceber que isto ia acontecer. A vossa química está mais do que na cara. — Hesita. — Não era bem isto que queria dizer. De qualquer maneira, eu não vou andar a segurar a vela, meus.

O três é um número que eu já perdoei, mas só quando aplicado ao nosso grupo. Talvez deixe de me incomodar tanto agora que eu e o Theo estamos juntos. É como se a nossa unidade pessoal contasse apenas como «um», embora talvez seja melhor não partilhar esta ideia com o Wade.

— Isso não significa que o jogo acabou para nós. Pensa nisto como um jogo novo, com novos níveis e novos mundos.

— E novos obstáculos para mim se quiser estar convosco, novos modos de jogo exclusivos para vocês dois — contrapõe o Wade.

— Estás à vontade para te juntares às nossas atividades exclusivas — diz o Theo com um piscar de olhos.

O Wade começa a enumerar todos os exemplos de casos de amor que correram mal, principalmente na banda desenhada: a namorada do Green Lantern que foi morta e acabou enfiada no congelador dele; o Ciclope e a Jean Grey, namorados desde os tempos de escola, mas que estavam sempre a perder-se um do outro com tudo o que

o mundo lhes atirava para cima; o Homem-Formiga, que borrifava mata-moscas para cima da Vespa e, uau, não me tinha apercebido de que o Homem-Formiga era tão abusivo emocional e fisicamente. Um quarto exemplo não se segue.

O Theo vira-se para mim.

— Prometo que nunca te vou borrifar com mata-moscas, Griff. Prometes nunca me borrifar também?

— Prometo.

*Mentira*, digo sem voz ao Wade para o Theo ver, tornando a situação normal, ou tentando, pelo menos.

O Theo tira o copo de chá gelado do tabuleiro.

— E então, estamos fixes agora?

— Prometam-me que não vão dar cabo do trio quando se separarem — diz o Wade. Pelo seu tom de voz, consigo perceber que não está a brincar. Isto é como no 7.º ano, quando eu e o Theo andávamos sempre a provocar o Wade para pedir ao barbeiro que escrevesse o seu nome na cabeça quando fosse cortar o cabelo. O Wade ria-se, mas acabou por nos pedir que parássemos com aquilo.

— Podias ter um pouco de fé em nós, meu — diz o Theo calmamente. — Mas tudo bem, prometo que, se nos separarmos, vamos ser adultos em relação a isso.

— Vocês têm 16 anos. Não são adultos — diz o Wade.

— Está bem, mas estou a contar que fiquemos juntos durante alguns anos — responde o Theo.

Inspiro profundamente e prometo a mim mesmo não deixar que o Wade dê cabo da minha felicidade.

— Eu também prometo que não destruo o trio se nos separarmos. Agora, podemos voltar aos livros, por favor?

O Theo chama-nos para si e põe os braços à volta dos dois. Faz de conta que murmura para o Wade:

— Temos de dar um abraço de grupo, para o Griff não ficar a sentir-se excluído.

— Eu odeio-vos aos dois — diz o Wade.

Rimo-nos os três e, de repente, o momento passou, já não há mais segredos entre nós e eu sou o último a parar de sorrir, porque o Theo está a contar em ficar alguns anos comigo. O que é bom. Assim terei tempo suficiente para arranjar o título perfeito para o seu livro de memórias.

# «INOCENTEMENTE DEVASTADOR, APAIXONADAMENTE HONESTO E ASSUSTADORAMENTE HUMANO.»

BECKY ALBERTALLI, autora premiada

O Griffin acaba de perder o seu primeiro amor num trágico acidente. O Theo era o seu melhor amigo, o seu ex-namorado e a pessoa com quem se via a passar o resto da vida. Apesar de terem terminado o namoro uns meses antes, e de o Theo ter uma nova relação com o Jackson, o Griffin continuava a acreditar que iriam acabar por ficar juntos.

Agora, arrasados com a perda, o Griffin e o Jackson aproximam-se, numa tentativa de reavivarem as memórias que partilham da pessoa que ambos amaram. Mas à medida que as conversas correm, verdades vêm à tona e o efeito é devastador.

Para conseguir reconstruir a sua vida, o Griffin terá de confrontar o passado e todas as histórias que viveu com o Theo. De contrário, poderá colocar em risco a sua felicidade e o seu próprio futuro!

«Uma complexa e comovente dedicatória  
ao amor e à amizade.»

*The Washington Post*



LÊ TAMBÉM:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Traduzida

 penguinlivros.pt

  topseller.editora

ISBN 9789896233891



9 789896 233891 >